

humanitas

Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

(a preto e branco) de uma ilustração do «Apocalipse de Lorvão». Por todo o seu esforço de investigação, tão bem conseguido, temos nós, os portugueses, que esta: -lhe muito gratos.

J. G. F.

PEDRO ROMANO ROCHA, L'Office Divin au Moyen Age dans l'Église de Braga. Originalité et dépendances d'une liturgie particulière au Moyen Age. Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1980, 523 p. (= Cultura Medieval e Moderna, XV).

Depois dos estudos fundamentais que à liturgia e história de Braga dedicaram, nos últimos decénios, J. Augusto Ferreira, Pierre David, Avelino de Jesus da Costa e Joaquim O. Bragança, temos agora perante nós a tese de doutoramento que Pedro Romano Rocha defendeu, em 1976, no Instituto Superior de Liturgia, em Paris. J. O. Bragança fez um estudo monográfico aprofundado sobre o *Missal de Mateus* (Fund. Gulbenkian, Lisbonne, 1975); P. R. Rocha consagra este estudo a outro livro basilar da liturgia bracarense, o chamado *Breviário de Soeiro*, ou seja, o ms. 657 da Biblioteca Pública de Braga.

Começemos por reconhecer que P. R. Rocha não se limitou à descrição e análise do códice. Muito instrutivamente, traçou uma história resumida do Rito Bracarense, dentro da qual insere a sua investigação. Assim, temos uma *introdução* (p. 31-47) em que, em primeiro lugar, se apresenta *A igreja de Braga do século V ao século XII*, isto é, desde o primeiro bispo documentalmente comprovado, Paterno (ano 400), até às discussões sobre a divisão das igrejas sufragâneas no tempo do arcebispo de Compostela, D. Diego Gelmirez (1100-1139); e em seguida se delineiam os mais antigos traços de *A Liturgia de Braga*, com Profuturo (538), Martinho (561), unidade visigótica (633), implantação do rito romano na *Hispania* depois de 1074 e constituição do novo «costume litúrgico de Braga», a partir de então.

Está criado o ambiente para se consagrar a *Primeira Parte* a *O Breviário de Braga* (p. 49-378). Aqui principia-se pelos *testemunhos* actualmente existentes (manuscritos e impressos). Entre os manuscritos assinalamos um do séc. xv, que é propriedade do Cônego Dr. Avelino da Costa, e entre os impressos um outro que se encontra na Câmara Municipal de Cantanhede, sendo este um dos três exemplares conhecidos da edição de 1494.

A descrição do *Breviário de Soeiro* (cap. II, p. 55-378) principia por breves elementos paleográficos e desce depois a uma análise minuciosa de cada uma das partes, peça por peça, com a identificação possível, em relação a outros breviários da *Hispania* e de toda a Europa Ocidental. A índole da nossa revista não nos deixa deter-nos aqui. Bastará dizer que são passados à feira o calendário (com valiosas notas históricas), o saltério, os cânticos (não percebemos porque há-de o título dizer que trata dos «cânticos do Antigo Testamento», quando afinal inclui

os do Novo T. e ainda outros hinos, como o *Te Deum* e o *Gloria in excelsis*, p. 96), o hinário, o ofício de defuntos, o temporal, os ofícios acrescentados (do *Corpus Christi*, de Sant'Ana, da Imaculada Conceição, de N.^a S.^a das Neves e de Santo Acácio e seus companheiros — através dos quais se tem procurado datar a organização do Breviário), as rubricas gerais (secção onde, pela primeira vez, temos uma longa reprodução de texto latino, numa espécie de edição diplomática, em que os erros do copista são emendados em nota), os ofícios de N.^a S.^a no Sábado, o santoral, o ofício quotidiano da Virgem, o ofício de N.^a S.^a para o Sábado (este de 3 lições, enquanto o anterior — que foi acrescentado — é de 9 lições), a comemoração diária da Virgem, várias peças intercalares (entre as quais um «epitalâmio» de S. Gregório e uma oração às cinco «alegrias» de N.^a S.^a), o ofício de Completas, seguido de várias bênçãos, entre elas a «bênção da mesa» e finalmente todo o leccionário — com uma quase completa identificação dos textos das homilias e das vidas dos santos.

Se a primeira parte se impôs à nossa admiração pela descrição e identificação, por vezes tão difícil, dos textos, a *segunda parte* da obra (p. 379-471) é consagrada à comparação dos responsórios, dos versículos e das leituras bíblicas do Breviário de Soeiro em confronto com outros breviários da época, especialmente os de Tui, Orense, Compostela, Zamora, Salamanca, Toledo, Aquitânia, Moissac (típico do ofício cluniacense), Santa Cruz de Coimbra, etc., chegando a pesquisa a tocar em mais de 80 tradições litúrgicas diferentes. Na impossibilidade de fazer este estudo sobre todo o Breviário, foram escolhidos os tempos do Advento e do *Triduum Sacrum*, como os mais significativos e suficientemente probantes. Puderam assim tirar-se as primeiras conclusões (p. 438-441), tendo-se verificado que o ofício de Braga teve principalmente como modelos o da Aquitânia e dos cluniacenses de Moissac (região do Quercy, Limoges). No caso das leituras bíblicas, cuja comparação se estendeu também às semanas desde a septuagésima a toda a quaresma e ao tempo pascal, mais evidente se torna a conclusão (p. 470-471) de que os reformadores do «costume da igreja de Braga» tiveram presente a tradição de Cluny, dado que «a coincidência é tanto mais notável quanto as tradições das igrejas vizinhas seguem outros caminhos». A independência de Braga é sobretudo notável na Semana Santa.

Poderia ter terminado aqui o estudo de P. R. Rocha. Mas assim como o fez preceder de uma introdução histórico-litúrgica geral, assim numa *terceira parte* volta ao grande plano da história e da liturgia para interpretar o *Significado eclesial da liturgia bracarense* (p. 473-494). Aqui encontramos belíssimos resumos da história do Rito Bracarense. Braga manteve-se sempre fiel a Roma, mas prezou também sempre a sua identidade e as suas diferenças características. Depois de Gregório VII (1074), que teve como agentes de unificação os monges de Cluny, com especial relevo para S. Geraldo (1096-1108), os grandes defensores do Rito Bracarense foram sempre o Cabido e o próprio Papa, por vezes contra as tendências de arcebispos, «le plus souvent étrangers au diocèse» (p. 485). Pedro Romano Rocha, ao mesmo tempo que se revelou um profundo investigador do Rito Bracarense, mostrou-se também um moderado defensor da sua manutenção, dado que dentro da unidade do culto e da liturgia ocidental, ele oferece a novidade e a variedade que enriquecem as expressões litúrgicas.

A obra é completada por 6 apêndices: 1 — *Idade do Breviário de Soeiro*, onde se conclui que, se a cópia é do fim do séc. XIV ou princípio do XV, o modelo de que se serviu reproduz a liturgia de Braga antes de 1340 (nós diríamos mesmo antes

de 1325, data em que já se celebrava em Braga a festa da Imaculada Conceição, a qual não foi incluída no corpo do Breviário, mas acrescentada, cf. p. 192-193); 2 — *Notícia sobre a família Soeiro*, desde cerca de 1400, família em cuja posse o Breviário se manteve até 1590, data em que o cônego Melchior da Silva lhe juntou uma folha descritiva; 3 — *Vita Sancti Geraldii*, segundo o texto das 9 lições do Breviário, algo diferente da transmitida pelos *Portugaliae Monumenta Historica*; 4 — *Legenda de S. Martinho de Dume*, em 9 lições; 5 — *Trasladação das relíquias de S. Vicente*, oferecidas por D. Afonso Henriques a Braga, em 1176; 6 — *Trasladação das relíquias de S. Tiago Interciso*, curiosa legenda, em 3 lições, escrita em 1117, pelo arcebispo D. Maurício Burdino.

Finalmente, temos duas classes de índices: — na primeira série, é-nos dado o *incipit* (com indicação da página do Breviário e da sua descrição nesta obra) das antífonas, responsórios, invitatórios, versículos, orações e dos santos celebrados no Breviário; na segunda série temos todos os outros nomes de pessoas e o índice geral.

Queríamos ser breve na recensão, mas o desejo de informar o leitor (ainda que muito sumariamente) do conteúdo da obra não no-lo permitiu. Ficou bem claro quanto esta obra é valiosa. Ela deveria estar na mão de todos os bracarenses. Ao longo da leitura fomos também tomando algumas notas. Vamos limitar-nos o mais possível.

O texto remete para mapas (p. 33, 34), mas nunca se diz onde eles se encontram. Estão, fora do texto, após a p. 47. Não nos recordamos de ter lido qualquer remissão para gravuras de reprodução de páginas dos Breviários Bracarenses. Seria bom que houvesse um índice a identificá-las e a enviar para depois da p. 54. A bibliografia é muito abundante e útil; mas está tão subdividida por secções que se torna difícil reencontrar algumas obras. Por exemplo, tomámos uma nota sumária (autor e princípio do título) do artigo de Solange Corbin, *Les fêtes portugaises. Commémoraison de la victoire chrétienne de 1340*, Bulletin Hispanique 49 (1947) 205-218; mas quando quisemos completar a ficha não encontramos este trabalho na bibliografia e tivemos que recorrer ao índice onomástico. Achamos bem que se tenha resumido a história do Rito Bracarense até 1972 (p. 488); mas então deveriam ser acrescentados aos trabalhos de J. Mattoso, *A liturgia bracarense depois do Concílio*, Ora et Labora 11 (1964) 118-134 e sobretudo não omitir, pelo menos, atendendo ao significado de «luta do Cabido», A. Luís Vaz, *O Rito Bracarense*, Braga, 1970.

Seguimos agora a ordem da paginação. Pág. 61: gostaríamos de ver uma explicação (sem dúvida simples...) para as abreviaturas *V...R* e *V...p* (62). Anota-se a ausência das festas de Rosendo, Senhorinha e Teotónio (p. 65). Talvez se pudesse apresentar a hipótese de que isso é devido a tratar-se de «religiosos» e o «costume antigo» seria de âmbito sobretudo diocesano. Nós apreciamos o engano do copista, que se deixou trair pela pronúncia portuguesa, ao escrever no calendário *Blasii*, mas no dia da festa (fl. 200 v.) *Brasii* (cf. p. 68, nota 30. Só é de estranhar que na p. 223, ao transcrever a fl. 200 v., afinal venha grafado, de novo, *Blasii*!). Nós que procuramos reflexos da poesia latina, anotamos esta rubrica no dia 24 de Abril: *Extrema Paschae | tua docet passio Marce* (p. 73). Na p. 95 supomos haver dois erros de transcrição (que não do original): onde está *Ad IV hym* deverá ler-se *Ad VI hym* (fl. 43 v.) e no fl. 45 v. deverá estar *F.IIIII ad vesp* e não (como se lê impresso) *F.III ad vesp*. Entre os raros hinos para que não foi encontrado texto igual estão os de Santa Iria (p. 99). Seria conveniente dizer que eles se encontram todos publi-

cados por Avelino de Jesus da Costa no artigo citado da RPH 14 (1974) nas pp. 43-44 e 523-524. (A referência exacta do art. não é 14 (1972) pp. 39-63, mas sim 14 (1974), pp. 1-63 e *aditamento*, pp. 521-530). Na p. 157 P. R. Rocha pergunta qual o valor de *Pentecoste* na expressão *Pascha cum suis octauis et Pentecoste* e responde logo: «Ici, dans le contexte, il semble se référer à la *Cinquantaine* pascale» (nota 270). Parece-nos que se trata, bem concretamente, do ofício da festa de *Pentecostes e sua oitava*, como se poderá ver pelo texto transcrito na p. 162: *a Pascha usque ad octauas Pentecostes*. Não será fácil a qualquer leitor emendar a palavra *illis* na frase (p. 179): *capitulum (...) et principaliter oratio debent esse eiusdem sancti illis (sic!) sanctorum*. Quem estiver atento encontrará na p. 180: *ipsius sancti uel sanctorum*. Quanto a nós, em casos destes, em vez de *sic*, seria preferível fazer a emenda ao fundo da página. Aliás, o editor chega a colocar no texto a versão correcta (que lá não se encontra) e a lançar para a nota a lição do manuscrito, cf. p. 194, nota 326. Acharíamos melhor manter o critério da edição diplomática, respeitando no texto o manuscrito e corrigindo-o no rodapé.

Alegramo-nos com este valioso trabalho de P. R. Rocha. Na hora em que escrevemos podemos dar a notícia de que o novo calendário litúrgico do Rito Brasileiro foi promulgado pelo sr. Arcebispo Primaz a 18-12-1984. Falta agora reorganizar o novo Breviário.

J. G. F.

Arts du spectacle et histoire des idées, recueil offert en hommage a JEAN JACQUOT (Publication de la Société des Amis du C.E.S.R. de Tours). Tours, Centre d'Études Supérieures de la Renaissance, 1984.

Jean Jacquot, conhecido e reputado estudioso do teatro europeu do Renascimento, falecido a 15 de Julho de 1983, é homenageado postumamente nesta obra que pretendia ser-lhe entregue e dedicada pessoalmente pela Société des Amis du C.E.S.R. de Tours, de que era membro. Não o quis a sorte, mas permitiu-lhe pelo menos que redigisse, pelo seu próprio punho, algumas páginas, as últimas que escreveu, para servirem de introdução à bibliografia dos seus trabalhos: «en remerciement d'un don... Quelques réflexions sur un chemin suivi». É este texto uma espécie de testamento científico, como o sublinha o professor Vaccaro no prefácio do livro, que reflecte a coerência de uma vida de trabalho e a expressão do seu agradecimento aos amigos e colegas pela iniciativa desta miscelânea.

A abri-la, uma fotografia do homenageado e o desenho do seu perfil literário e humano. Segue-se uma vasta e diversificada gama de artigos, assim agrupados pelas seguintes temáticas:

1 — *Histoire des spectacles et des fêtes*:

— MARGARET MCGOWAN, «Une affaire de famille: les fêtes parisiennes en l'honneur d'Henri, duc d'Anjou, roi de Pologne» (p. 9-20).

— SIDNEY ANGLO, «Le déclin du spectacle chevaleresque» (p. 21-35).